

## Jardins Sensoriais Brasileiros e educação: uma visão dos últimos 20 anos

**Aline Pereira da Silva Tavares<sup>1</sup>, Vinicius dos Santos Moraes<sup>2</sup>, Anderson dos Santos Portugal<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), Magé, Brasil (lynesilvaa@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutorando em Ensino de Biociências e Saúde - Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz. Tutor coordenador do curso de licenciatura plena em ciências biológicas do polo Magé (UERJ/CEDERJ)

<sup>3</sup>Doutor em Ciências Biológicas (Botânica) – Museu Nacional – UFRJ. Tutor presencial do curso de licenciatura plena em Ciências biológicas do polo Magé (UERJ/CEDERJ). Professor do ensino básico da Prefeitura Municipal de Araruama – PMA. Colaborador do laboratório de biodiversidade (NUPEC) – UERJ/FFP

*Resumo:* Os primeiros jardins sensoriais surgiram na Inglaterra, em meados do século passado. No Brasil, estes espaços ganharam visibilidade na década de 90, inicialmente com sua proposta voltada para atender deficientes visuais, a fim de promover Educação Inclusiva. Os jardins sensoriais mostram além do que os olhos podem ver, nestes espaços os sentidos biológicos: tato, olfato, paladar, visão e audição, podem ser aguçados. Sendo assim o objetivo deste trabalho é investigar, através da revisão bibliográfica, as ações educativas desenvolvidas nos jardins sensoriais. A metodologia foi feita utilizando amostragem das publicações nos últimos 20 anos, acerca dos jardins sensoriais. Foram encontrados 18 trabalhos científicos e com este levantamento foi feito o estado da arte. Como resultado observou-se que os jardins sensoriais foram utilizados para práticas educativas como o ensino de botânica, etnobotânica, ecologia entre outros, no que diz respeito à Educação Ambiental. Além de servirem como recursos didáticos, para aulas práticas de forma lúdica, proporcionando uma educação ambiental criativa, ao passo que promove crescimento mútuo entre os educadores e educandos, além de poder despertar uma relação mais sensível com a natureza. Estes espaços também promovem inclusão, o que pode contribuir para favorecer a educação inclusiva, estes espaços podem ser utilizados por alunos com deficiência (cegos, cadeirantes) e videntes, estimulando o sentido destes alunos, além de facilitar aos professores o ensino em sala de aula. Na alfabetização científica os jardins sensoriais despertam nos educandos, a percepção na prática da temática trabalhada em sala de aula. Apesar de serem de fácil montagem e manuseio estes espaços, não são tão aproveitados ou conhecidos no Brasil. Frente a isto torna-se extremamente importante a divulgação destes espaços, para que estes alcancem visibilidade por parte dos pesquisadores e instituições, para que todo seu potencial de uso possa ser aproveitado.

*Palavras-chave:* Práticas educativas; inclusão; recurso didático.